



Abundância e penúria

Debate Crise e alternativas
Eugénio Viassa Monteiro

Austeridade no Ocidente vai sendo geral e inevitável. Nada melhor, por isso, do que encará-la como uma oportunidade para corrigir “vícios de ricos”, adquiridos com as facilidades do euro. Em todos os domínios: nos hábitos de consumo; na educação dos mais jovens, etc. Já alguma vez pensou em reduzir as contas dos telemóveis para 1/3? Fácil: use o telefone fixo ou o Skype e verá como a conta encolhe. Será que uma TV não chega para a família? Acabando o ‘cada-um-vê-o-que-quer’ cria-se espaço de encontro, de convívio, de diálogo, onde se aprende a escutar e reflectir, e se assimilam critérios e valores, melhora-se a compreensão e o desejo de ajudar os outros... Entretidos com bugigangas electrónicas, vivemos isolados...

As limitações impõem-nos esforços de autodisciplina, que podem mudar a vida para melhor: um campeão olímpico de natação começou a praticá-la como antídoto à asma... E há quem tenha ganho boa capacidade de trabalho e destreza profissional pelas dificuldades pessoais que obrigaram a organizar-se e trabalhar horas a fio. Importa encontrar forma de sair “por alto” da crise e não se deixar amachucar por ela.



É bom passar da penúria à abundância, porque se trazem hábitos de trabalho, de esforço pessoal, frugalidade, capacidade de aguentar, etc. Mau é o contrário: após uma vida na abundância, sentir-se incapaz de reagir às adversidades...

Até há pouco, uma pequena parte da população do globo vivia à farta. A outra, maior, viveu, desde há séculos, na penúria quase total, após uma longa tradição de criar abundante riqueza. Nem todos os povos tiveram o mesmo ímpeto agressivo de se armar para se impor; outros foram dominados e espoliados, por serem pacíficos!

Assistimos hoje ao ressurgir de amplos grupos populacionais que, mesmo afundados na miséria imposta, aprenderam e encontram-se com uma forte pujança, capazes de alimentar a sua população, de lhe dar instrução, cuidados de saúde e trabalho. Tudo faz pensar que o mundo, o Ocidente e o Oriente, depressa chegará a um novo equilíbrio, justo e são, onde se produzirá o necessário para todos desfrutarem de uma vida mais humana e mais subida, intelectualmente.

Importa trabalhar neste sentido, para ajudar a absorver tensões, empenhando todos na justiça entre os povos. Se antes vivemos indiferentes às disparidades de afluência, pouco nos importando com os que nada tinham, hoje há mais sensibilidade para se preparar um futuro melhor para todos, harmonizando os desafios da crise com a pujança. É forte a tentação proteccionista/egoísta, quando os dirigentes são de fraca qualidade e curtos de vistas, como é frequente ver-se no Ocidente.

Professor da **AESE**